

CADEIRA N.º 9

(Da 1ª fase da Academia, sem Patrono)

Vaga: Falecimento de José Carlos da Costa Ribeiro Júnior
(fundador)

Recipiêndo: Pe. Francisco Valdivino Nogueira

Recipiendário: José Rodrigues de Carvalho

Data da posse: 23 de maio de 1897

JOSÉ RODRIGUES DE CARVALHO. Nascido em Alagoinha, Paraíba, no dia 18 de dezembro de 1867. Muitos anos residiu em Fortaleza, diplomando-se em 1906 pela Faculdade de Direito do Ceará. Poeta, observador curioso do nosso folclore, crítico literário. Publicou: *Cancioneiro do Norte* (1903, com edições posteriores); *Prismas*, trabalho com que se apresentou à Academia, como candidato; *Coração*; *Sacrário*; *Poemas de Maio*.

Pe. Valdivino Nogueira

Não sei que admirável semelhança é essa que nas minhas demoradas reflexões de estudioso humilde vejo sempre entre a vida e o mar: os mesmos estes, as mesmas tormentas, as mesmas inconstâncias e a mesma brusca mobilidade assustadora. O mar é o vento encrespando a vaga e a vaga acariciando a praia; é a bonança desfalecendo na tempestade e a tempestade ruindo na bonança; é a procela revolucionando a onda e a onda dominando a procela; é o abismo se furtando à luz e a luz denunciando o abismo. E a vida? É o pranto afogando o riso e o riso embecendo o pranto; é a cólera tiranizando o amor e o amor serenizando a cólera; é o infortúnio desfazendo a ventura e a ventura sobrepondo-se ao infortúnio; é a dor dilacerando a alma e a alma repelindo a dor.

Como o mar, também a vida tem vagas deliciosas que murmuram carícias e vagalhões tremendos que rugem ferocidades; horizontes largos onde a alvorada canta a cavatina da luz e abismos fundos onde a treva tece um labirinto de mistérios; brisas perfumosas que solfejam hinos de amor e ventos inflamados que espalham gritos de morte; restingas traiçoeiras que geram tristes naufrágios e amenos portos que garantem paz e salvamento.

Não sei se para os outros, mas decididamente para mim o mar é a mais perfeita, é a mais bela imagem da vida humana, porque a vida humana é perfeitamente um oceano de lágrimas, onde, a par da gôndola faceira do amor e da ternura, do riso e do prazer, balança-se em trágicas singraduras o brigue fatídico da angústia e do tormento, da dor e do martírio.

E nesse dilatado mar de águas prateadas, a espelharem o sol numa exuberância irriante de luz, nesse imenso oceano das lágrimas de todos os homens, o homem, sempre ávido de gozos, o bem na dextra nervosa e forte, os olhos na bússola que aponta a derrota e no formoso céu azul que ri-se nas estrelas alvissareiras, deixa correr vertiginosamente o páreo misterioso, — a gôndola do riso e o brigue da tristeza, — dois átomos a perderem-se entre duas imensidades — o oceano da vida e o firmamento da história.

Senhores! O futuro é a Cólquida longínqua onde rebrilha num esfusamento de chispas cambiantes o áureo velo das nossas loiras esperanças; para lá seguem, rumo direito, as naus desaparecidas, as naus aventureiras dos nossos grandes destinos.

Mas, quantas vezes ao entoarmos o cântico triunfal da vitória, ao pegarmos, trêmulos de emoção, no velo desejado, no velo ardentemente buscado, o riso que brinca em nossos lábios tem lágrimas para a dor que geme em nossos corações? Quantas vezes, ao sorrir-nos a realidade santa dos nossos desejos, choram-nos dentro da alma as dolentíssimas saudades de um companheiro amigo que tragaram as ondas na longa travessia do futuro?

Mas a vida é isto mesmo: a lágrima perolizando o riso, a dor fundamentando o gozo. Querer que a vida não seja isto, é querer que o homem não seja homem; é pretender que o mundo deixe de ser a terra do exílio, onde as nossas almas imortais vivem do pungir amargo da saudade, da suprema nostalgia do infinito.

Senhores da Academia!

Encarregastes-me de dar resposta condigna ao luminoso discurso, aos rasgos de gentileza do ilustrado colega que acaba de entrar para o convívio das nossas idéias, a comungar conosco a hóstia pura da ciência nas sagradas aras da tolerância.

Bemvindo seja ele. É mais um estudioso conspícuo que, — adorando as policrômicas refrações da luz coada pelas arestas do diamante, extasiando-se ante a solene majestade do sol a acender as labaredas do incêndio nas planuras dilatadas do ocidente, e pasmando de ver a ousadia doida do vulcão a cuspir para o céu um oceano rubro de fogo, — veio dar-nos o glorioso exemplo de um grande espírito, rico de nobres aspirações, que, deixando o corpo a supliciar-se de numerar na atmosfera azinhavrada de um gabinete bancário, sobe nas asas pandas do estro a ir poisar na crista iluminada do monte sagrado, onde reina, esplendidamente belo, numa resplandescência rutilante de auroras, o gênio soberano da poesia.

Poeta, o sr. Rodrigues de Carvalho veio ainda dar à fisionomia austera do nosso futuroso Instituto, uma feição característica de graça, mas dessa graça cantante, dessa graça rica de emoções deliciosas, verdadeira jóia de subido preço engastada no oiro fino da inspiração. Não há duvidar, a poesia, filha genuína, filha graciosa do coração, pode ocupar perfeitamente um lugar distintíssimo ao lado da ciência, a altiva, a dominadora filha da razão.

Bem quisera eu, pois, me sobrassem oratórios talentos para fidalgamente saudar o novo Acadêmico, o inspirado poeta do *Coração*; bem quisera que neste dia de tamanha solenidade, em que uma grande alegria e uma grande recordação,

um grande gosto e uma grande saudade absorvem o pensamento e disputam o coração da nobilíssima Academia Cearense; bem quisera que a minha palavra tivesse a tonalidade vibrante da palavra eletrizadora dos grandes tribunos, — fosse ao mesmo tempo luz e pincel e tracejasse e iluminasse admiravelmente bem o quadro genial deste grandioso momento da nossa vida acadêmica.

Mas posso eu fitar o sol que me deslumbra? mas posso eu sondar o oceano que é tão fundo? mas posso eu abarcar o firmamento que é tão largo? Se há momentos que não cabem num século, este não me cabe no cérebro.

É que a vida das sociedades é como a vida dos indivíduos: ao lado das grandes alegrias gemem as grandes dores, e ao lado dos grandes gostos choram as tristes saudades. Entre um túmulo que se abre e um vivo que triunfa, o coração balança e a mente não resolve de pronto e definitivamente o que é mais simpático, o que é mais sublime — se a apoteose que canta, se a saudade que chora.

Perfeita sociedade humana, sujeita aos mesmos contrastes, aos mesmos caprichos e às mesmas alternativas da vida individual, a preclaríssima Academia Cearense verifica neste momento altamente significativo que — se o coração é amigo da felicidade, a dor é amiga do coração; pois a sua apoteose a Rodrigues de Carvalho é uma saudade pungente a José Carlos Júnior. O grande prazer, que é presentemente a nota altissonante a vibrar doçuras de entusiasmo bem legítimos na alma dos Acadêmicos Cearenses, acaba numa recordação amaríssima, que, como um soluço magoado, vai acordar o eco soturno de uma tumba úmida ainda do sentido pranto do amor.

E quem nos avisou esta recordação? Quem, para obedecer aos Estatutos da Academia, entreteceu os goivos da morte com os loiros da vida, casou a lágrimas do passado com o riso do presente, esmaltou a saudade de homem com a apoteose de hoje?

Rodrigues de Carvalho, que falou e falou sentidamente, conscientemente, da pessoa e das qualidades distintíssimas de José Carlos Júnior. A sua palavra insinuante e corajosa

traçou, a pinceladas de luz, o perfil sobremodo simpático daquele grande talento, daquela grande alma que, no sereno deslizar da vida, só quis ostentar riquezas de carinho para a família e para os amigos, e opulência de modéstia na manifestação dos seus variados conhecimentos científicos e literários.

Foi um sabedor que nada quis ensinar à posteridade, do mesmo modo que Rodrigues de Carvalho, seu digno sucessor, é um estudioso indefesso que muito quer aprender para dar lustre ao espírito finamente educado, para dar glória à pátria docemente amada.

Bem haja a memória querida do velho companheiro, que dorme à sombra do passado; benvindo seja o novo colega, que se ergueu cheio de vida por entre as saudações do presente, a frente engrinaldada dos loiros do poeta e a alma a criar um mundo de gratas ilusões, um céu de formosas esperanças.

Senhores!

Contra a realidade atrocíssima dos fatos, repelindo, à viva força, a dor que dilacera a vida, a dor que oprime o coração, a dor que penetra até às últimas divisões da alma, contra os caprichos da sorte adversa, levanta-se dentro de nós mesmos o solene protesto da nossa consciência firmada na grandeza ideal de nosso fim.

Neste mundo a questão de vida e morte para o homem é — o ser feliz. Para isso trabalha, para isso esforça-se, para isso moireja dia e noite, num apuro constante de todas as suas faculdades, num interesse vivo de todo seu coração, numa fome insaciável de toda sua alma.

Mas, Senhores, não há felicidade nas grandezas fementidas do mundo! Na vida, nesta vida transitória, nesta vida tempestuosa só há verdadeira felicidade no trabalho, porque só há felicidade verdadeira na virtude e na ciência hipostaticamente unidas, inseparavelmente juntas.

Procurem outros a felicidade nas rutilâncias magnéticas do oiro, a felicidade na volubilidade espetaculosa da glória, a felicidade no deslumbramento indizível do poder, a felici-

ciade no gozar iníquas mundanidades corrutoras. . . que o sábio desdenha e despreza tudo isto, que, para o sábio, o prazer que não desfalece, o prazer que transfigura, que imaterializa, que deifica o homem — é o prazer intelectual, — o prazer de descobrir verdades novas no domínio da ciência, o prazer de dar à sua razão privilegiada a maior soma de luz possível no domínio da virtude.

Por isso no mundo só o sábio, mas o verdadeiro sábio; que vê bem claro a suprema harmonia da razão e da fé, que proclama bem alto o supremo acordo da filosofia e da teologia; que não enxerga o absurdo nos mistérios da Religião porque não o verifica nos mistérios da natureza, que admite o milagre no Cristianismo porque reconhece o prodígio da ciência que não se desonra de amar a cruz, lábaro triunfal da liberdade, porque não se envergonha de confessar o Cristo, divino Libertador do gênero humano; que crê na existência e na onipotência de Deus, porque adora a sua imagem no homem e admira a sua providência no universo; só o sábio de tamanho porte, de tão rija enfiatura, só ele não conhece o desespero, só ele goza de alegrias profundas, sinceras, inalteráveis, imensamente compensadoras dos grandes martírios da vida.

Ninguém lhe pode roubar a glória de ser feliz, de ser grande, de dominar a inteligência de todos, porque ele reina indiscutivelmente sobre todos pela realza soberana do gênio e do saber; e o seu gabinete, cheio de livros, cheio de instrumentos, severo e simples, vale mais, vale muito mais que os tronos de todos os reis.

Mas seremos nós porventura uma corporação de sábios, a gostar verdades saborosas por nós mesmos descobertas?

Senhores! Se não somos uma respeitável corporação de sábios, queremos ser uma bela agremiação de estudiosos que gozam de ver na verdadeira ciência a mais sublime conquista do espírito humano, o passo mais agigantado que o homem dá para Deus. Se a nossa Academia não pode ser, ainda, como quer a sobrada gentileza do sr. Rodrigues de Carvalho, o roble secular de tranças ramalhudas e bastas, diluviando-se

de raios quentes de sol, numa gana insaciável de luz e de calor, afrontando a raiva furiosa da procela, numa impavidez hercúlea de gigante, e amparando num carinho ideal de sombras protetoras a multidão de pequenas plantas que lhe crescem ao pé; se a nossa Academia não pode ser o vale dominando e protegendo a floresta, bem pode ser a palmeira esguia, a formosa palmeira esbelta, que não tem sombras mas tem seiva, que não protege plantas mas acalenta ninhos, que não tem copa de ramos espalmados e sombrios, porque a sua glória é ter a altiva fronte erguida para as nuvens a embevecer-se no pleno azul do firmamento.

E esta palmeira querida tem espaço bastante largo para acolher Rodrigues de Carvalho e a sua Musa, e sumir-se com eles no horizonte da glória como a saudosa palmeira de Alencar sumiu-se com Peri e Cecília no horizonte imenso do mistério. Nela pode o poeta adoçar os amargores da existência, conversando ternuras do coração com as Musas e esmerilhando grandezas da razão com a ciência.

Benvindo, pois, o companheiro amigo, o lutador esforçado, o glorioso aventureiro, que quer partilhar conosco o pão regenerador da ciência, que quer enfrentar conosco a luta generosa pelas pátrias letras, que quer sentar-se ao nosso lado sob a tolda branca da gôndola do prazer, mas do íntimo prazer intelectual, para atravessar conosco o oceano da vida na longa derrota, que levamos para as regiões incógnitas do futuro, talvez para as edênicas plagas da imortalidade.

Senhores:

Cessou a viuvez dolente da Cadeira de José Carlos: ao crepe de saudade que a cobria sucedeu a gaze de riso e da festa que a esmalta agora.

Um vivo ilustre vai honrar a memória de um ilustre extinto. Glória lhe seja.

A Academia Cearense o saúda cavalheirosamente, e o acolhe com sincera alegria, com sincero desvanecimento, com sincero entusiasmo.